



UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



GREICI LENIR REGINATTO CAÑETE

EDUCAÇÃO BILINGÜE: UMA EXPERIÊNCIA EM PORTO ALEGRE

CANOAS, 2008

GREICI LENIR REGINATTO CAÑETE

EDUCAÇÃO BILINGÜE: UMA EXPERIÊNCIA EM PORTO ALEGRE

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras do Centro Universitário La Salle - Unilasalle, como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras sob a orientação do Prof. Ms. Iván Nelson Angues Bambarén.

CANOAS, 2008

TERMO DE APROVAÇÃO

GREICI LENIR REGINATTO CAÑETE

EDUCAÇÃO BILINGÜE: UMA EXPERIÊNCIA EM PORTO ALEGRE

Trabalho de conclusão aprovado como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras do Centro Univeristário La Salle – Unilasalle, pelo seguinte avaliador:

Prof. Ms. Iván Nelson Angues Bambarén
UNILASALLE

Canoas, 03 de dezembro de 2008.

Ao meu pai (*in memoriam*) que sempre acreditou em mim. À minha família e amigos pelo carinho, compreensão e apoio. À Deus e as minhas vicissitudes, as quais proporcionaram a escolha desse tema.

RESUMO

Esse trabalho trata de um modelo de Educação Bilíngüe existente em Porto Alegre/RS. O mesmo serve de exemplo prático sobre os estudos acerca do bilingüismo na área da educação. Foi elaborado a partir de pesquisas bibliográficas, de meio eletrônico e pesquisa de campo por meio da visitação ao Colégio Metodista Americano e de entrevista a uma professora de língua estrangeira do projeto de Educação Bilíngüe desse colégio. Ao final concluiu-se que faltam, neste país, leis que amparem e sirvam de parâmetros para a Educação Bilíngüe, e que dentro de sua proposta o colégio visitado cumpre os pressupostos teóricos da Lingüística sobre a aprendizagem e aquisição de línguas maternas e estrangeiras.

Palavras-chave: Bilingüismo. Ensino. Educação bilíngüe.

RESUMEN

Este trabajo trata de un modelo de Educación Bilingüe existente en Porto Alegre/RS. Ese mismo sirve de ejemplo práctico sobre los estudios acerca del bilingüismo en el área de la educación. Fue elaborado a partir de pesquisas bibliográficas, de medio electrónico y pesquisa de campo por medio de visitación al Colegio Metodista Americano y de entrevista a una profesora de lengua extranjera del proyecto de Educación Bilingüe de ese colegio. Al fin se puede concluir que faltan en este país leyes que amparen y sirvan de parámetros para la Educación Bilingüe, y que dentro de su propuesta el colegio visitado cumple los fundamentos teóricos de la Lingüística sobre el aprendizaje y adquisición de lenguas maternas y extranjeras.

Ideas clave: Bilingüismo. Enseñanza. Educación bilingüe.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DA PRIMEIRA E SEGUNDA LÍNGUA	9
2.1 A aprendizagem e a aquisição da segunda língua e/ou da língua estrangeira	11
2.2 A aquisição e aprendizagem da segunda língua no meio escolar.....	12
2.3 O fator idade como determinante da aprendizagem de línguas estrangeiras e segundas línguas	13
3 O QUE É BILINGÜISMO.....	16
3.1 A aquisição bilíngüe	17
3.2 Tipos de bilingüismo.....	19
3.3 O bilingüismo assunto multidisciplinar	20
3.4 O bilingüismo pelo mundo	21
4 EDUCAÇÃO BILINGÜE.....	25
4.1 Tipos de programas bilíngües	26
4.2 Relato sobre a visita ao Colégio Metodista Americano de Porto Alegre.....	27
5 CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE A - ENTREVISTA A UM DOCENTE DE LÍNGUA ESTRANGEIRA EM UM CURRÍCULO BILINGÜE	36

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia serve para apresentação e explanação do meu trabalho de conclusão do curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Espanhola e respectivamente literaturas. O assunto escolhido trata sobre a educação bilíngüe. Porém antes culminar na abordagem da educação bilíngüe é apresentado um estudo sobre a aprendizagem e aquisição de primeira e segunda língua e sobre o conceito de bilingüismo.

O corpo dessa monografia conta com três capítulos de desenvolvimento. O primeiro capítulo trata do estudo da aprendizagem e aquisição da primeira e segunda língua, no qual se subdivide em: 1.1 A aprendizagem e a aquisição da segunda língua e/ou da língua estrangeira, o qual discutirá aquisição da linguagem e o inatismo; 1.2 A aquisição e aprendizagem da segunda língua no meio escolar, cujo conteúdo será abordado conceitos e contextos educacionais sobre a aprendizagem e aquisição de línguas; e por ultimo 1.3 O fator idade como determinante da aprendizagem de línguas estrangeiras e segundas línguas, o qual tratará dos mitos acerca da idade do aprendiz de línguas estrangeiras. No segundo capítulo abordaremos a discussão de diferentes referenciais teóricos sobre o que é bilingüismo, esse capítulo se subdivide em 2.1 A aquisição bilíngüe, que remete a literatura sobre bilingüismo e a questão do *input*; 2.2 Tipos de bilingüismo, que descreverá os tipos de contextos bilíngües social e individual; 2.3 O bilingüismo assunto multidisciplinar, que remete as outras áreas do conhecimento que ajudam a compreender o bilingüismo; 2.4 O bilingüismo pelo mundo, cujo tema central é a citação de alguns exemplos de contextos de bilingüismo e multilinguismo no Brasil e no mundo. No terceiro capítulo será exposto sobre a educação bilíngüe, o que significa, e será subdividido em 3.1 Tipos de programas bilíngües, no qual será dado alguns exemplos conhecidos no mundo; e em último lugar 3.2 Relato sobre a visita

ao Colégio Americano de Porto Alegre, no qual será descrita minha visita a esse colégio que apresenta currículo bilíngüe em Língua Portuguesa e Língua Inglesa do 1º ano à 3ª série, em fomentação e implantação gradativa juntamente com o Ensino Fundamental de 9 anos.

Com essa pesquisa espero encontrar respostas às questões pertinentes à educação bilíngüe. Há alfabetização em ambas as línguas? Trata-se do mesmo professor para ambas as línguas em todo o currículo? Pode-se chamar de ensino bilíngüe o currículo que apenas oferece a língua estrangeira em uma disciplina separada? Qual a carga horária necessária para se obter um ensino bilíngüe? O que há legalmente de concreto para o desenvolvimento de instituições de ensino bilíngüe no Brasil? E enfim, quais os aspectos relevantes condicionantes de um ensino bilíngüe, e o que tais estudos podem beneficiar para o conhecimento dos princípios humanizadores da sociolingüística.

2 AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DA PRIMEIRA E SEGUNDA LÍNGUA

Para falar de aprendizagem e aquisição primeiramente necessitamos investigar o conceito de língua. Segundo o dicionário de *Lingüística e Fonética* de David Crystal:

Língua se refere ao ato concreto de falar, em uma situação específica, é o sistema abstrato subjacente à fala e depois à escrita, o conhecimento desse sistema chamamos de competência lingüística, [...] Primeira língua é a língua natural do falante, isto é, a língua materna, segunda língua é aquela que não é a materna do indivíduo, mas outra língua usada por ele, pode ser por um motivo específico (2000, p. 159).

Para Chomsky (LICERAS; DÍAZ, 2000, p. 41) a aquisição da língua materna, isto é, primeira língua é concebida por meios naturais e biológicos, chamado de *inatismo*, assim, uma criança exposta ao *input* desenvolve a linguagem. Chomsky também fala sobre a Gramática Universal, a qual favorece a seleção de códigos e de desencadeantes do sistema lingüístico da língua materna. Portanto a criança é capaz de fazer regras de uso de sua língua, ela sabe a sintaxe de sua língua sem para isso precisar ser ensinada. A Gramática Universal também faz relação às propriedades comuns a todas as línguas naturais. Assim, a língua materna que se trata necessariamente da primeira língua, segundo Chomsky não é ensinada e sim inata, suas investigações acerca da aquisição também confirmaria uma idade crítica para a aquisição da linguagem que se daria por volta dos treze anos de idade. Essa Gramática interna é a responsável pelo desenvolvimento e processo de aquisição. Como afirma as autoras:

[...] A criança não pode se negar que cresça nela a língua materna, e este crescimento se produz em contato com a linguagem.[...] No caso da linguagem não nativa o crescimento não tem as mesmas características. Em primeiro lugar, é muito provável que os princípios e categorias (o inatismo) sofram mudanças relacionadas à interação com o meio e com outros sistemas cognitivos (LICERAS; DÍAZ apud MUÑOZ, 2000, p. 43).

Neste caso a autora remete à teoria de Chomsky que fala em crescimento do órgão da linguagem. Isto ocorre com a exposição da criança ao meio, e, portanto

impossível e desumano de ser evitado. Tal crescimento é impossível de ser evitado porque para isso teria que o indivíduo viver sem convívio social, inerente a sua condição humana. A partir dessas investigações, conceituaremos que primeira língua é a língua materna e seus usuários de falantes nativos. As mesmas ressaltam sobre a aquisição de gramática nativa que todos os estudiosos da linguagem e de sua aquisição coincidem em que o falante de uma língua dada é capaz de construir orações que nunca haviam adquirido, mas nem todos coincidem sobre a origem e o porquê dessa capacidade (LICERAS; DÍAZ apud MUÑOZ, 2000, p. 41). Segundo a Gramática Gerativista com um número finito de palavras, é o ser humano capaz de produzir um número infinito de frases.

A Gramática Gerativista fala em competência e *performance* (desempenho), a qual distingue os seres humanos dos demais seres, a capacidade de aprender uma língua é denominada *Competência*, e os atos efetivos de fala a *performance*. A língua é inata, e apesar de que as línguas são diferentes uma das outras, a faculdade da linguagem é realizada de modo distinto entre vários povos do mundo, mas a capacidade é a mesma, isto é, todos os seres humanos são dotados da predisposição à linguagem, Segundo o artigo sobre Noam Chomsky na revista *Discutindo Língua Portuguesa*: “Isso indica que há princípios básicos imutáveis gerais para toda a humanidade. Mas também que eles se realizam conforme parâmetros variáveis, o que implicaria a diversidade de línguas” (2008, p. 49).

Aquisição segundo o dicionário de lingüística e fonética se trata do processo ou do resultado do aprendizado de um determinado aspecto da língua, ou da língua como um todo.

Aprender é um processo de interação entre as estruturas mentais, o meio ambiente e experiências obtidas que provocam uma mudança de comportamento. Para Wode (1998), somente é possível considerar a aprendizagem da primeira língua e da segunda língua uma vez que não há, todavia, dados disponíveis para considerar a aprendizagem de qualquer idioma. Na verdade, tanto uma teoria como a outra, a linguagem necessita de *input* e interação para desenvolver-se. Pois desenvolvimento lingüístico e convívio social são matérias intrincadas.

2.1 A aprendizagem e a aquisição da segunda língua e/ou da língua estrangeira

A aquisição da segunda língua pode dar-se em ambientes formais ou não. Alguns autores sobre a literatura de bilingüismo consideram a segunda língua também em alguns casos igual a língua estrangeira. Segundo Jasone Cenoz e Josu Perales:

Em este complexo processo de aquisição de segundas línguas intervêm direta ou indiretamente um grande número de variáveis individuais e contextuais que também podem estar relacionadas entre si. Além do mais, a aquisição de segundas línguas apresenta uma grande diversidade no que se refere às condições em que tem lugar e seus objetivos. [...] Analisaremos as variáveis do contexto sociolingüístico e educativo que são considerados mais relevantes na aquisição de segundas línguas no meio escolar. (CENOZ; PERALES, 2000, p. 109).

Consideremos como segunda língua também a aprendizagem institucional. Sendo que, para a maioria dos autores, bilíngüe também é a pessoa que possui uma das destrezas em língua estrangeira, o que difere são as condicionantes ao domínio de uma segunda língua. Temos o contexto natural, no qual o indivíduo adquire a segunda língua por meio de interação com outros falantes nativos da língua em questão, isto é, segunda língua para o primeiro porque este já possui sua língua materna. Também pode dar-se essa aquisição da segunda língua com a mescla de dois contextos, um é estar inserido num meio natural e também receber instrução em um meio institucional, isto é, na sala de aula, muito comum em programas de intercâmbio, ou educação bilíngüe em programas de imersão. Indo para o contexto formal o ensino da segunda língua é dada por conteúdos e tarefas baseadas em imersão, isto é, na sala de aula é feita a tentativa de expor o aluno a situações reais de comunicação em segunda língua. Por último o ensino da segunda língua e/ou língua estrangeira é feita em meio institucional, por meio de instrução em sala de aula, somente. Em contextos formais na sala de aula normalmente é regulado a quantidade de *input* a ser exposto o estudante, mas há casos autodidatas em que o sujeito adquire a segunda língua por meio de materiais específicos.

Segundo os autores são feitos muitos estudos comparativos acerca da instrução formal e aquisição natural da segunda língua, porém não são suficientemente eficientes devido às metodologias diversas que não abarcam todas as premissas da fluência em segunda língua ou língua estrangeira. Partem de casos gerais, mas há de se considerar as condicionantes para a aquisição e o aprendizado de línguas que é muito individual. Como afirmam os autores:

Se bem a comparação de contextos exclusivamente naturais e formais não há despertado um grande interesse entre os investigadores, se pode afirmar que existe uma tendência a admitir que a aquisição natural dê lugar a um maior grau de fluidez e que a formal a uma exatidão gramatical (CENOZ; PERALES, 2000, p. 113).

Um fator sobre a aquisição natural que é mencionada pelos autores é a idade de chegada no caso de imigrantes. Porque mesmo expostos a um ambiente natural alguns muitos não adquirem uma proficiência total na segunda língua, e não chega ao conhecimento da estrutura gramatical a qual um nativo possui sobre sua língua materna. Isto quer dizer, que igualmente necessitaria de instrução formal para completar e obter subsídios de estrutura gramatical. Podemos concluir desse estudo que não há razões para comparações entre aquisição natural e instrução formal no caso de segundas línguas, cada uma das opções tem seu espaço, mas quanto ao fator idade e aprendizagem e aquisição de línguas analisaremos a seguir.

2.2 A aquisição e aprendizagem da segunda língua no meio escolar

A aprendizagem de línguas ganhou importância quando passaram a figurar no currículo escolar da educação básica. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação número 9.394/96, assegura o oferecimento de línguas estrangeiras no Brasil. Em alguns casos serão consideradas praticamente segundas línguas, embora alguns autores não façam distinção entre ambas, porque segundo a mesma legislação é permitido às comunidades escolherem para o currículo escolar a sua segunda língua, presente por algumas razões sócio-históricas na região. Como nos menciona o artigo 26, capítulo II:

Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição (CARNEIRO, 2004, p.98).

Fora desse contexto o caso mais comum é a oferta do inglês e do espanhol como línguas estrangeiras. Essas línguas no currículo esperam alcançar um nível básico de comunicação oral e escrita, ao contrário do que podem lograr as segundas línguas em comunidades bilíngües, as quais permitem que o falante obtenha um nível avançado de comunicação, permitindo a sua utilização em diversas tarefas do dia a dia. Isto porque a segunda língua está mais presente na sua cultura diária do que as línguas estrangeiras. Trata-se aqui o fator sociolingüístico como algo que influencia na aquisição da segunda língua.

Segundo Cenoz e Perales (2000, p. 110) a presença de segundas línguas no meio escolar é a forma mais freqüente de aquisição. Além do mais existem programas de imersão, nos quais é possível apresentar-se várias metodologias de ensino para a aquisição de segundas línguas. Desse modo os autores descrevem as possibilidades metodológicas de imersão da seguinte maneira:

Nos programas de imersão não há somente uma disciplina dedicada a segunda língua ou línguas estrangeiras, mas se utiliza este como veículo de instrução de ensino de algumas ou todas as disciplinas do currículo [...]. Os resultados das avaliações põem em êxito esses programas e indicam que a utilização da língua meta para o ensino implica um grande desenvolvimento da mesma ao passo que o estudante aprende o conteúdo em diversas matérias do currículo escolar (CENOZ; PERALES, 2000, p. 120).

Aqui os autores manifestam seu apoio aos programas bilíngües de imersão. São bilíngües porque a segunda língua não aprece isolada do restante dos conteúdos escolares necessários para o desenvolvimento e a aprendizagem do individuo. No decorrer do trabalho veremos como essa questão funciona no ensino bilíngüe em Porto Alegre.

Segundo Nunan e Lam (apud CENOZ; PERALES, 2000, p. 119) é importante para o êxito desses programas o perfil do professorado. O docente deve estar capacitado para essa tarefa através de formação específica na segunda língua, ser comunicativo e fluente na língua meta, além de ser criativo e procurar elabora materiais e seguir os avanços tecnológicos como o uso de novas ferramentas para a aprendizagem. Pois o profissional deverá ser bem motivado para conseguir motivar seu grupo, uma vez que a interação e a comunicação figura com importância nesse ensino. Desse modo, podemos concluir que a motivação, a interação e o contexto sociolingüísticos e psicológicos são condicionantes para a aquisição de línguas.

2.3 O fator idade como determinante da aprendizagem de línguas estrangeiras e segundas línguas

Muito se tem mencionado de que as crianças aprender e/ou adquirem a segunda língua com mais facilidade que os adultos. Como vimos no primeiro capítulo o bilingüismo precoce foi considerado em outra época como o ideal, Bloomfield denominava bilíngüe aquele igual a um falante nativo só que na segunda língua. O qual já foi bem criticado pela maioria dos autores sobre o bilingüismo. Mas porque ainda perdura o mito de que crianças aprendem línguas com mais

facilidade? Isto é bem explorado por escolas e jardins de infância que oferecem a língua estrangeira desde cedo. Analisaremos em base na bibliografia estudada o que é verdadeiro ou não nesses casos.

As crianças possuem mais plasticidade cerebral, mas para isso já existem controversas. As vantagens estão muito relacionadas à fonética e a fase de aquisição de linguagem em que se encontram, como vimos no início desse capítulo, as crianças nascem predispostas a adquirir a linguagem em qualquer parte do mundo, isso acarreta que elas possuem os mecanismos para aprender qualquer idioma, as quais estiverem expostas. Muitos autores concordam que a criança tem mais variantes a favor da aquisição de línguas, pois ainda não passou a idade crítica da aquisição da linguagem. Segundo De Heredia (1989, p. 185) não há provas que um adulto não possa chegar ao mesmo nível de proficiência e fluência em língua estrangeira. Muitas vezes se observa o contrario, os adultos por suas necessidades sociais e profissionais para com a segunda língua ou língua estrangeira se dedicam bastante a praticar a nova língua. É relativamente mais fácil motivar a criança a interagir com o grupo o que irá propiciar maior fluidez, mas isto não quer dizer que todas as crianças são iguais e todas são bem sociáveis. Nesse ponto discordamos da autora, e também no que ela menciona dos opositores do bilingüismo precoce no que diz respeito à presença da segunda língua, pode vir a atrapalhar o desenvolvimento da primeira, como ela nos diz:

A presença de outra língua pode chegar a atrapalhar a primeira, sobretudo se esta não se estabilizou, isto é, antes dos quatro anos de idade. A aquisição precisa de uma segunda língua far-se-ia em detrimento da primeira, a qual ela chegaria até mesmo a 'expulsar" (DE HEREDIA, 1989, p. 186).

Considerar que o falante de duas línguas exclua uma delas por falta de uso ou de correção gramatical seria ignorar os estudos de Chomski sobre a gramática interna e a importância dada ao cérebro humano, antes ignorado pelas teorias comportamentalistas. Certamente a gramática da segunda língua ou da primeira língua sempre existirá no indivíduo internalizada nele, mesmo que aja um longo período de desuso e esquecimento da segunda língua ou da primeira língua.

Podemos concluir que adquirir uma segunda língua é aquele processo no qual há interdisciplinaridade e a exposição à segunda língua é feita de modo que o aluno se depare com a língua em situação real, em contextos sócio-culturais variados. Esse é o caso de um curso de imersão no país de origem da segunda língua, ou no

país do estudante, mas que há uma preocupação com a quantidade de *input* e de contextualização. Aquele currículo ou método em que é oferecida a disciplina de língua estrangeira em contexto pedagógico puramente formal e que tem por objetivo a meta-linguagem somente, consideremos como aprendizagem da língua estrangeira.

3 O QUE É BILINGÜISMO

Existem varias definições sobre o bilingüismo, controvérsias e também vários dilemas e preconceitos. Sobre eles iremos estudar assim como a aquisição bilíngüe da linguagem o que nos auxiliará na compreensão das teorias sobre o ensino bilíngüe que veremos mais tarde.

Podemos verificar a acepção semântica do termo bilingüismo no dicionário de lingüística e fonética, que nos diz que bilingüismo é:

[...] uma pessoa que fala duas línguas [...] Os estudos sobre o tema têm-se concentrado nos muitos graus de “bilingüismo” e “situações bilíngües” existentes. As definições de bilingüismo refletem suposições sobre o grau de proficiência que uma pessoa deve atingir antes de ser qualificada como bilíngüe (se comparada a um falante-nativo monolíngüe, ou um pouco menos que isso, até o ponto de conhecimento mínimo de uma segunda língua) (CRYSTAL, 2000, p. 39).

O significado de bilíngüe tem mais de uma vertente como podemos averiguar na obra de Appel e Muysken, na qual eles descrevem que:

Para Bloomfield um bilíngüe deve possuir um domínio de duas ou mais línguas igual que a um nativo, em outro extremo[...] a teoria de Macnamara que propõe que uma pessoa pode vir a ser qualificada como bilíngüe se além de possuir as habilidades em sua primeira língua, possuir algumas das quatro habilidades em uma das quatro habilidades, entre elas ouvir, falar, compreender e ler (BLOOMFIELD; MACNAMARA apud APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 11).

Vejamos então que o significado do termo bilíngüe depende de certo ponto de vista de cada autor da literatura acerca do bilingüismo. Para Appel e Muysken bilíngüe é o individuo capaz de empregar duas ou mais línguas, sem classificá-los quanto ao padrão de bilingüismo, muito menos estabelecer algum tipo de critério que julga que o individuo bilíngüe tenha que superar o monolíngüe. Visto que é praticamente impossível um sujeito bilíngüe ser perfeitamente igual a um nativo nas duas línguas. Em sua obra Javier Medina Lopez nos afirma:

[...] bilíngüe é todo aquele que é capaz de saber, compreender, falar e escrever uma língua diferente à materna[...] o bilíngüe é aquele que é capaz

de usar os mecanismos, estruturas e conceitos de uma segunda língua (língua B), sem que para emitir uma mensagem tenha que fazer uma relação de equivalência com sua língua materna (língua A), isto é, que seja capaz de “pensar” na língua B (MEDINA, 1997, p. 18).

Isto quer dizer que o sujeito bilíngüe é todo aquele capaz de se manusear com duas línguas ou mais. Assim sendo o indivíduo bilíngüe consegue alternar o discurso em uma determinada língua conforme a situação o exija, isto é, escolhe a língua que necessita em determinado momento. Segundo Hymes e Gumperz (apud DE HEREDIA, 1989, p. 180) a competência lingüística relativa às regras de funcionamento do sujeito bilíngüe acrescenta-se a uma competência que observa as regras de uso de tais línguas em função das situações. Como nos diz Christine de Heredia:

Os estatus, os papéis, os lugares, os sujeitos de conversação determinam para os bilíngües, a escolha da língua utilizada (e, para os monolíngües a escolha de uma certa variedade). [...] Assim, a mesma pessoa poderá dirigir-se a sua secretária no escritório em inglês, mas lhe falar em espanhol quando a encontrar na rua, indicando, pela mudança de língua, as mudanças de papel e de status (DE HEREDIA, 1989, p. 181).

Bilíngüe são também denominados vários cursos de educação formal, isto é, técnico-profissionais, os institutos de idiomas, escolas regulares com currículo bilíngüe, até mesmo cursos de graduação que são bilíngües em português e inglês, por exemplo. Até que ponto o bilingüismo é aquele que se adquire na infância antes da idade crítica ou aquele que se aprende em sala de aula? Bilingüismo se adquire naturalmente ou institucionalmente? Como nos diz Vermes e Boutet (1989, p. 14): “Onde e como se aprende uma língua? Na escola, na rua, no meio natural ou institucional”. Como já vimos no segundo capítulo algumas questões sobre o que são aprendizagem e aquisição.

3.1 A aquisição bilíngüe

A aquisição bilíngüe da linguagem se dá praticamente igual à aquisição da língua materna. Para falar da aquisição desse tipo de linguagem vamos remeter a obra de Annick De Houwer (1997, p. 185), pois a autora se concentra mais especificamente no bilingüismo antes dos dois anos de idade. A autora inicia justificando o porquê de estudar os casos bilíngües, pelo fato de serem úteis para posteriores estudos acerca da aquisição da linguagem. O estudo sobre o bilingüismo propicia uma reflexão sobre o papel do *input*, o desenvolvimento da linguagem e o

preconceito arraigado nas sociedades sobre a utilização das línguas. A comparação entre crianças bilíngües e crianças monolíngües também é útil para saber mais sobre o bilingüismo, isto é, até que ponto é mais ou menos eficiente o discurso em uma mesma língua comparando uma criança que é bilíngüe, e possui essa língua como segunda língua, e uma criança monolíngüe que a possui como língua materna somente. É analisado como uma questão importante se a criança bilíngüe faz algum tipo de interferência no discurso de uma ou outra língua. Para tanto, é discutido o *input* de línguas separadamente (uma língua, uma pessoa), isto é, o pai fala inglês e a mãe fala espanhol, segundo Grammont (apud DE HEREDIA, 1998, p. 183), por exemplo, e o sistema único no qual as pessoas ligadas à criança fazem um *input* misto, isto é o discurso com interferências (VOLTERRA; TAESCHNER apud DE HOUWER, 1997, p. 194).

A criança é capaz de aprender quantas línguas as quais estiver exposta. Dessa maneira, entra a questão social do *input*, o qual define o grau de bilingüismo através do grau e das condições do *input*, quantas vezes ao dia, qual a rotina de alternância, qual a língua de predominância na casa e na comunidade, de que forma as línguas são apresentadas à criança. Para Hendriks e Hickmann (1998, p. 151) para a aprendizagem de línguas é fundamental o argumento de que o indivíduo aprende as regras da gramaticalidade das línguas, isto é, aprender uma língua é a capacidade de organizar o discurso e de abstrair a estrutura do sistema lingüístico das línguas em uso pelo falante. Já Appel e Muysken falam em gramáticas em contato: “[...] Se aceitamos a substituição da noção central de língua por a de gramática, então certamente deveríamos falar de gramáticas em contato” (APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 12) Fazendo alusão à teoria *Chomskiana* da década de sessenta, sobre a gramática gerativista.

Para De Houwer (1997, p. 189) também se define o bilingüismo como a aquisição da primeira língua, e da segunda língua. A primeira língua é a língua materna, exposta após o nascimento pode ser aquela usada em casa, e no caso do bilingüismo social, aquela que é chamada de minoritária. A segunda língua é aquela adquirida antes do dois anos de idade. A autora enfatiza bem que, a segunda língua para um indivíduo considerado bilíngüe deve ser uma aquisição precoce. A mesma ressalta que a época em que ocorreu a primeira exposição da segunda língua é muito importante. A segunda língua no caso do bilingüismo social pode ser aquela chamada de majoritária. Porém a autora se vale do argumento:

É o uso da língua na rede social da criança que deve ser levado em consideração para se determinarem os padrões de *input*, e não a configuração de dominância na comunidade em geral na qual a família da criança por acaso vive (DE HOUWER, 1997, p. 189).

Assim sendo, a autora descarta o bilingüismo social como principal causa de *input* e sim o entorno familiar da criança. Dessa maneira, nos dá importância ao tempo de exposição do *input*. Quantas horas ou tempo por dia a criança é exposta à determinada língua. Os demais autores sobre bilingüismo, no qual foi baseada essa pesquisa, não afirmam que haja uma idade determinante para a aquisição da segunda língua. O que deixam claro é que há diferenças conceituais entre primeira língua, segunda língua e língua estrangeira. A primeira é a língua materna do indivíduo, a segunda língua é aquela adquirida posteriormente por imersão, isto é, vale-se do *input* da língua a que o sujeito estiver exposto, e a língua estrangeira é aquela aprendida institucionalmente ou não sem exposição natural ao *input*. Desse modo, podemos concluir que adquirimos a língua materna e a segunda língua, desde que imergidos em ambiente exposto à língua, e aprendemos uma língua estrangeira em nosso país de origem. Estudaremos mais adiante no próximo capítulo esses conceitos.

3.2 Tipos de bilingüismo

Bilíngüe também é o contato de línguas de uma mesma comunidade, e como os indivíduos convivem entre si com mais de uma língua. Há mais de um tipo de bilingüismo. O bilingüismo individual e o bilingüismo social.

Bilingüismo individual refere-se ao indivíduo, ao uso e ao grau de conhecimento de uma língua e as condicionantes que recaem sobre eles. O indivíduo pode ter um grau de conhecimento equilibrado entre ambas as línguas, ou pode obter um maior grau de conhecimento em uma das línguas, geralmente a materna.

O bilingüismo social está também relacionado ao bilingüismo individual, de certo modo, pois existem sociedades bilíngües porque nelas há indivíduos bilíngües e suas culturas. Isso se dá porque nesses territórios, cidades, países, bairros ou comunidades houve fatores que propiciaram tal fenômeno, isto é, o contato de línguas, de grupos diferentes e de culturas diferentes. Entre elas, estão as regiões fronteiriças onde as línguas não seguem rigidamente os limites geográficos. Os locais de forte presença imigratória o qual coloca duas comunidades lingüísticas em

contato. É o caso de cidades gaúchas de colonização alemã, e italiana que ainda preservam a língua da primeira geração de imigrantes, e de algumas cidades norte-americanas que devido à imigração há forte presença de comunidades bilíngües em inglês e espanhol. Sobre o bilingüismo social recaem os fatores de superioridade demográfica, o grupo com menor número de falantes se vê obrigada a aprender a língua do outro grupo, e ainda o prestígio social e econômico das línguas em contato, no qual uma língua majoritária e com maior prestígio e a outra língua minoritária com menor prestígio, portanto estigmatizada, jogam entre si um papel de certa importância no contexto sócio-políticos da região. De Heredia (1998, p. 187) menciona também dois subtipos de bilingüismo social, os quais corroboram ao entendimento do convívio das comunidades bilíngües, entre elas, o bilingüismo aditivo, ocorre quando as duas línguas minoritária e majoritária são valorizadas socialmente e jogam papéis de igual importância e também complementares entre si. Por outro lado o bilingüismo subtrativo, quando a língua majoritária é valorizada e a do meio familiar é estigmatizada. Há casos, em que esses dois tipos de bilingüismo convivem juntos na mesma comunidade, porque sobre a tolerância humana frente a culturas distintas tudo é possível.

Sobre o bilingüismo social estará situado o estudo sobre a educação bilíngüe. Principalmente pelo fato que uma sociedade bilíngüe sugere e precisa de uma educação bilíngüe, embora não são em todos esses tipos de sociedades que possuam uma educação adequada.

3.3 O bilingüismo assunto multidisciplinar

As origens do estudo das línguas em contato remontam à lingüística comparativa do século XIX. Construindo os pilares do que posteriormente conheceríamos como sociolingüística. Apesar disso, o contato de línguas e o bilingüismo não são disciplinas científicas, mas contribuem para disciplinas diferentes. As línguas são fenômenos ou instituições sociais, e a divisão de uma sociedade costuma se espelhar nas divisões lingüísticas.

O comportamento e as atitudes lingüísticas numa sociedade bilíngüe oferecem normalmente uma visão mais profunda das normas e valores sociais, uma vez que não há como separar língua e cultura. É quase impossível destacar separadamente as contribuições da psicologia, sociologia, sociolingüística ou lingüística no

bilingüismo, pois todas essas áreas estão co-relacionadas. Também é importante ao analisar um caso bilíngüe, levar em conta fatores como "status relativo das línguas implicadas". Isto é, como já mencionamos uma comunidade bilíngüe em muitos casos trata-se de uma língua majoritária com prestígio social, e uma língua minoritária marginalizada e desprestigiada da sociedade. Não há como ignorar o lado social na questão lingüística. Dessa forma, a sociolingüística tem muito a nos dizer das línguas em contato, apesar de ser considerada matéria da psicolingüística, porque os estudos acerca do bilingüismo se valem dos estudos dos processos mentais em relação ao *input*. Como nos diz Anne Decrosse: "Desde a Antiguidade uma questão fundamental atravessa a bacia mediterrânea: a da linguagem e sua implicação na ordem do poder" (1989, p. 19).

3.4 O bilingüismo pelo mundo

Apesar de muitas nações do mundo se definir como monolingües, existem muitos países bilíngües. Há muitos que são oficialmente bilíngües, como o Canadá, e outros, entretanto o é debaixo de uma bandeira monolingüe, como a França. Isto se deve pela simples razão de a cultura de uma sociedade, país e ou região não acaba nos limites geográficos, e sim de contatos humanos, pois são pessoas que em proximidade também se assemelham culturalmente, como por exemplo, algumas regiões fronteiriças do Brasil com outros países. Ainda, quando não se trata de culturas de fronteiras, o bilingüismo se deve pelos casos de necessidades específicas. Por exemplo, a imigração e a mobilidade propiciada pelo novo panorama da globalização, na qual muitos emigram buscando novas oportunidades de trabalho, por exemplo, os imigrantes de origem latinos em Estados Unidos, agora também podem notar esse fenômeno na Europa, ou simplesmente por outras características sócio-históricas das regiões como é o caso da Espanha.

O Canadá é um país cujos idiomas oficiais são o francês e o inglês. Isto se deve pelo fato de ter sido colonizada por duas metrópoles européias, a Inglaterra e a França. Em 1774 o Ato de Quebec permitiu e respaldou que a cultura francófona sobrevivesse no Canadá, presente especialmente nessa região, e com esse feito o país caminhou para o bilingüismo. Além do inglês e do francês oficiais o país conta com um bom número de imigrantes tornando-o multicultural. Segundo Appel e

Muysken (1996, p. 13), o Canadá e a Bélgica criaram centros de estudos do bilingüismo, denominados laboratório de plurilingüismo.

A França é um país conhecido por todos nós no mundo inteiro por monolíngüe, porém uma observação mais aprofundada diria que não. Várias línguas existem dentro do território francês. Neste país existem varias línguas de imigração. Porém as minorias lingüísticas têm reivindicado o reconhecimento oficial de suas línguas as quais reclamam necessidades para as questões no âmbito escolar, nas instancias jurídica e instituições políticas.

Nos Estados Unidos há uma forte presença do bilingüismo em espanhol e inglês, devido a grande influência imigratória de latino-americanos. Como afirmam Appel e Muysken:

Além desses países, caracterizados por uma longa história de bilingüismo, um grande número de países, sobretudo no Ocidente industrializado, chegam a ser intensamente bilíngües devido a imigração. A presença de grupos de imigrantes produziu um grande impacto nessas sociedades: de repente estremeceram todos os mitos sobre a identidade nacional e monolíngüe (1996, p. 13).

A Espanha, por exemplo, é um país multilíngüe. Dentro de suas fronteiras convivem quatro línguas, o que ocasiona um bilingüismo diferente em algumas comunidades, como em Galicia, País Basco, Catalunha, Valencia, Ilhas Baleares e Navarra. Desse modo, convivem o castelhano ou espanhol em todo o território nacional, língua de origem latina, e além de esta, o Basco, de origem pré-românica, o Galego, e o Catalão de origens latinas. A Constituição de 1978 reconheceu o caráter multilíngüe do país, proporcionando mais autonomia lingüística às comunidades bilíngües em questão, além do castelhano como língua oficial estatal, uniforme a todo território espanhol, as demais línguas vernáculas convivem com o castelhano em suas comunidades. Entre elas: o galego, o Vasco e o catalão. Em 1983 se finalizou em parte o debate acerca das línguas co-oficiais, como demonstra Javier López e ao citar trechos da constituição espanhola, entre o excerto mais destacado está:

A nação espanhola... proclama sua vontade de [...] proteger a todos os espanhóis e povos da Espanha no exercício dos direitos humanos, suas culturas e tradições, línguas e instituições (MEDINA, 1997, p. 41).

A Espanha é um bom exemplo de que é possível valorizar a língua e a cultura de todos em geral, dentro de um mesmo país. Isto é possível, graças às políticas sociolingüísticas destacadas. Podemos concluir que o bilingüismo e/ou multilingüismo precisam de legislação que o ampare para se consolidar, porque

língua e política estão intimamente relacionadas. Como nos diz Javier Medina López, quando cita um trecho da Constituição Espanhola:

O castelhano é a oficial do Estado. Todos os espanhóis têm o dever de conhecê-la e o direito de usa-la. [...] As demais línguas espanholas serão também oficiais nas respectivas Comunidades Autônomas de acordo com seus Estatutos. A riqueza das distintas modalidades lingüísticas de Espanha é um patrimônio cultural que será de especial respeito e proteção (MEDINA, 1997, p. 41).

O Brasil faz divisa com dez países. Onde convivem o espanhol, o português, o inglês e o francês e línguas indígenas. Nesse panorama, de divisão geográfica as pessoas que lá habitam dividem não só o território, mas a suas culturas também, evidentemente as línguas intrincadas nesses ambientes. Pouco se fala da convivência desses grupos fronteiriços e de seus dialetos como o portunhol. Como nos diz Javier Medina López:

Fala-se em variedades lingüísticas quando se reconhece a existência de uma fronteira lingüística [...] Em função das relações sociais que se estabelecem nas fronteiras (níveis de inter-relações, relações comerciais, contatos turísticos etc.) aparecem numerosos casos de interferências (1997, p. 29).

Além da questão das fronteiras há ainda um novo fenômeno de imigração ocasionado pelo bom panorama econômico que o Brasil vive atualmente, e que tem sido constantemente bem repercutido no exterior. Essa imagem de possível prosperidade brasileira tem chamado a atenção de famílias com o interesse de trabalhar no país, o que acarreta um novo perfil sócio-econômico de imigração. Como podemos lê no artigo contido na revista *Época* de julho de 2008:

Mudar de país em busca de uma boa oferta profissional é outra característica da economia globalizada. Estima-se que cerca de 200 milhões de pessoas vivam fora de seu país de origem em busca de oportunidade e renda [...] (AZEVEDO, 2008, p. 65).

Tal situação imigratória proporciona um tipo de bilingüismo de casos isolados, e um novo contexto de mitos sobre a convivência entre duas línguas. Ainda no mesmo artigo podemos ler o seguinte relato:

Jhonatan, falante, mistura palavras em português e espanhol. Em casa, costuma ensinar a mãe e o padrasto. "Isto não é *cuchillo*, é faca", diz. Susana tem vontade de voltar a morar na Bolívia. Jhonatan parece preferir o Brasil. Ela diz que recentemente foi a La Paz visitar a família, e o filho ficou doente com saudade de São Paulo [...] (AZEVEDO, 2008, p. 67).

Segundo De Houwer (1999, p. 1) nem sempre um ambiente bilíngüe é algo que os pais escolhem para seus filhos, e sim uma necessidade. As crianças crescem de forma bilíngüe porque não há condições de elas crescerem de forma monolíngüe,

isto porque elas estão inseridas em contexto bilíngüe, em casa uma língua, e na rua e na escola outra língua.

Podemos concluir de tudo o que foi mencionado que, o bilingüismo está presente em boa parte do mundo. Este precisa para existir em harmonia: de valorização e reconhecimento por meio de leis que amparem a liberdade das línguas e as culturas em questão, pois se tratam de minorias lingüísticas, assim como qualquer outro grupo de minorias conhecido, igualmente necessita de pesquisa antropológica e científica para chegar a tal reconhecimento. Porém esbarra em muitos lugares do mundo em ideais nacionalistas que crêem o monolingüismo como a chave da identidade cultural nacional, e que se fomenta uma unidade política de um país quando a cultura e a língua formam uma unidade homogênea. De fato, língua é uma instância de poder e dar reconhecimento a uma língua minoritária é oportunizar fortalecimento político a uma minoria. Como observamos em Appel e Muysken sobre os argumentos desfavoráveis ao ensino bilíngüe:

Considera-se que a língua minoritária tem um importante significado cultural e político para os grupos minoritários. O uso da língua minoritária fortalecerá a identidade política destes grupos e poderia por em perigo a unidade política [...] (1996, p. 94).

4 EDUCAÇÃO BILÍNGÜE

Segundo Appel e Muysken (1996, p. 95) a Educação Bilíngüe consiste naquele sistema em que uma língua minoritária joga um papel de certa importância junto a uma língua majoritária. Poderíamos também dizer que Educação Bilíngüe é um termo usado para descrever uma variedade de programa educativo, visto que, nem sempre se trata de línguas socialmente implicadas, como veremos a seguir. Porém, os fatores língua minoritária e língua majoritária são relevantes para muitas realidades sociolingüísticas dos povos em geral, já que em quase todos os países do mundo temos contextos bilíngües. Chamamos de contextos bilíngües às comunidades bilíngües ou multilíngües, a comunidade de uma língua majoritária e a comunidade de uma língua minoritária, que estão relacionadas e têm contato entre si. Contextos bilíngües na realidade brasileira (CAVALCANTI, 1999, p. 388) são entre muitos, as comunidades indígenas, de surdos, de imigração européia e de fronteiras.

Apesar de existirem tais comunidades e contextos de línguas implicadas, o Brasil é visto como um país essencialmente monolíngüe. Esse conceito traz sérios problemas e principalmente estigmatiza aos falantes de línguas minoritárias sob uma unidade lingüística homogênea que não existe em sua totalidade. Como afirma Cléo Altenhofen:

A idéia de “um Brasil com uma única língua” parece tão forte, que mesmo o falante bilíngüe, membro de uma comunidade bilíngüe, onde convivem lado a lado com o português uma ou mais línguas de adstrato, é capaz de rotular nosso país como “monolíngüe”, não enxergando diante do seu nariz a prova cabal de seu equívoco (2004, p. 87).

Essa idéia da homogeneidade da língua nacional é a premissa para uma educação excludente. Como reflete Marilda Cavalcanti (1999, p. 404) sobre o ensino de língua materna que está sempre voltado para um falante nativo ideal e para uma

comunidade de fala homogênea, tal assepsia não combina com os contextos de educação bilíngüe de minorias.

4.1 Tipos de programas bilíngües

Existem várias tentativas de propor um ensino bilíngüe. Geralmente existem somente na modalidade de ensino fundamental ou equivalente nas chamadas escolas primárias assim denominada em muitos países. Segundo Appel e Muysken (1996, p. 96) na maioria os programas bilíngües empregam uma língua para cada disciplina. A diferença para os cursos livres é que objetivam a instrução em si, isto é, as línguas são usadas como meios de instrução. A Educação Bilíngüe está relacionada às questões sociolingüísticas, políticas e econômicas envolvidas.

Segundo Stroud (2002, p. 26) os programas bilíngües mais conhecidos podem ser constituídos das seguintes maneiras, a educação bilíngüe de *Transição*, de *Manutenção*, que pode ser *estática* e/ou de *desenvolvimento*, a de *enriquecimento* e o programa *restaurador ou inovador*. Para Appel e Muysken (1996, p. 98) ainda há o programa bilíngüe de *imersão*. Dessas podem existir varias variantes.

A educação bilíngüe de *Transição*, tipicamente tem o objetivo de assimilação e integração social das minorias através da aprendizagem na língua dominante, isto é, o falante passa aprender na língua dominante. As bases teóricas desse modelo são a de que a criança aprenda o mais rápido possível a língua dominante e assim ser incluída no meio da sociedade nacional. Para Stroud (2002, p. 26) seu objetivo é na verdade o monolinguismo, podendo assim estigmatizar ainda mais as minorias lingüísticas para integrá-las nos valores comportamentais da língua dominante, apesar de propor a igualdade de direitos e oportunidades. É a mais comum nos Estados Unidos.

A educação bilíngüe de *Manutenção* visa basicamente manter a língua materna na escola. Tem um objetivo pluralista, reforça a identidade cultural das línguas minoritárias e propõe a afirmação dos direitos civis abrigoando a manutenção da língua materna. Pode ser do tipo *estática*, a qual busca manter o nível de competência lingüística da criança ao entrar na escola, isto é, da língua materna da criança, e assim evitar perdas lingüísticas. Na prática usa apenas a língua de casa dos alunos. A educação bilíngüe de *desenvolvimento* continua a língua materna e instrui na língua dominante, visa desenvolver as habilidades dos alunos em língua

minoritária para plena proficiência lingüística. Um motivo citado por Baker (1996 apud STROUD, 2002, p. 27) a primeira língua é facilmente perdida enquanto que a língua dominante é facilmente adquirida.

Além desses, para Stroud (2002, p. 27) há também o *programa bilíngüe de enriquecimento* e o *programa bilíngüe restaurador ou inovador*. O *programa bilíngüe de enriquecimento* tenta alargar a língua minoritária, trata-se da afirmação do pluriculturalismo e a integração social nacional com base na autonomia dos grupos. O *programa bilíngüe restaurador ou inovador* busca revitalizar uma língua na sua comunidade de falantes.

Para Appel e Muysken (1996, p. 98) existe também o programa bilíngüe de *imersão*. Trata-se do tipo de programa bilíngüe que os falantes da língua dominante ou de prestígio passam a aprender juntamente com os falantes da língua minoritária, e entre ambos aprendem e trocam experiências entre si. As crianças falantes do inglês em Culver City (Califórnia), com falantes do espanhol, e os anglo falantes no Quebec, Canadá, com falantes do francês, são alguns exemplos práticos desse programa.

Podemos concluir que não há um programa bilíngüe ideal. Existem vários que tentam ajustar-se à realidade contextual que estão inseridos. Porém já podemos distinguir perfeitamente a diferença entre educação bilíngüe, educação regular monolíngüe e cursos livres. A educação bilíngüe em contrapartida aos demais tipos de ensino objetiva a contextualização intercultural. Instruir por meio da primeira e segunda língua para garantir igualdade de condições de chegar aos saberes básicos comuns. Porém os autores Appel e Muysken analisam sobre os propósitos da educação bilíngüe:

Não se devem organizar programas bilíngües para proporcionar aos grupos minoritários uma espécie de isolamento perfeito que com freqüência se converterá também um isolamento perigoso, senão que se deveria garantir que os estudantes de grupos minoritários tivessem melhores oportunidades educativas e sociais, ao mesmo tempo que se propicia a manutenção da língua minoritária (1996, p. 106).

4.2 Relato sobre a visita ao Colégio Metodista Americano de Porto Alegre

O Colégio Metodista Americano é uma instituição de ensino particular, que está implantando o ensino bilíngüe gradativamente. A oferta do currículo bilíngüe é em português e inglês, oferecida como diferencial educativo (ver entrevista com um

docente de escola bilíngüe no apêndice). A comunidade escolar não apresenta a necessidade sócio-cultural de vivenciar a Língua Inglesa, em casa, de geração a geração. Isto é, não há uma necessidade de ensino de uma variedade de língua oral intrínseca à cultura da comunidade local. A esse caso denominamos de bilingüismo de prestígio, pois se trata de uma educação privilegiada para um público abonado de comunicar-se em duas línguas. Também é assim denominada por escolher e/ou preferir oferecer como Língua Estrangeira uma língua de prestígio e dominante. Nesse caso, o inglês que é a atual língua de dominação política-econômico-cultural.

Os custos do currículo bilíngüe são mais elevados que os currículos comuns. São necessários mais contratos de professores e materiais didáticos específicos. As professoras do currículo bilíngüe são habilitadas em inglês e com fluência no idioma para a Língua Estrangeira, e outra professora de Língua Materna para as atividades comuns do ano/série. Desse modo, remetendo a teoria de Grammond (apud DE HEREDIA, 1998 p. 183), uma pessoa, uma língua, assim sendo, uma professora, uma língua.

O Colégio Metodista Americano objetiva o aprendizado da Língua Inglesa oferecendo a maior carga horária possível. Assim sendo, são 10 horas de Língua Inglesa e 20 horas em língua materna, isto é, um total de 30 horas semanais para permanecer as 20 horas de ensino em língua materna e os demais horas em língua estrangeira. Além desses componentes curriculares, as turmas possuem as disciplinas especiais de Educação Física e Arte-Educação, dentro das 20 horas semanais de língua materna. Também são oferecidas atividades em inglês, dentro das 10 horas semanais de língua estrangeira no laboratório de informática, adaptado ao pequeno tamanho de alunos de 1º ano. Essa é a realidade encontrada referente ao tempo de permanência do alunado de um dito Ensino bilíngüe em Porto Alegre. Justifica-se pela ausência de leis brasileiras que apóiem e sirvam de parâmetro para uma Educação Bilíngüe no Brasil.

O colégio transformou-se para atender ao ensino bilíngüe. Por todas as dependências encontram-se cartazes em inglês, até mesmo os que servem para a identificação das salas, murais etc. Os funcionários têm feito atualizações para capacitar-se a falar e dar instruções em inglês, caso um aluno queira falar inglês fora da sala de aula.

A escola tenta promover o bilingüismo na medida do possível, dando maior importância à língua estrangeira. O ideal seria proporcionar a língua estrangeira

como meio de instrução. Não é o que acontece de fato, as professoras apenas repassam os conteúdos em Língua Estrangeira. A tarefa de inserir conteúdos fica reservada à professora de língua materna. O problema é que a educação brasileira não abre possibilidades ao Ensino Bilíngüe, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Título V, Seção III, cap. II, Art. 32 “O ensino fundamental será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem” (CARNEIRO, 2004, p. 98). Essa é a única menção feita à introdução de uma segunda língua no currículo, apenas das escolas indígenas, que também não há registros que algo tenha sido feito de concreto para garantir o direito lingüístico dessas comunidades. Como nos diz Marilda Cavalcanti:

A partir do que foi exposto, depreende-se que o Brasil não reconhece e não encoraja o ensino bilíngüe no contexto de minorias lingüísticas. A exceção fica com as comunidades indígenas, que tem na Constituição de 88 o direito assegurado para a educação bilíngüe, mas que se não fosse pelo trabalho de indigenistas, de ONGs e, em menor escala, de grupos de pesquisa/ensino de universidades nada teria de concreto hoje (1999, p. 395).

Assim sendo, não se consegue efetivar um ensino Bilíngüe competente e verdadeiro. Pois a, língua obrigatória de instrução é a língua portuguesa, caso um aluno reprovasse bem que ele poderia recorrer às instancias maiores e reivindicar a revisão de resultados, pois afinal ele não entendeu o conteúdo ou a língua implicada? Não há respaldo legal sobre esse tipo de ensino. Realmente o Colégio Americano apresenta uma Educação Bilíngüe dentro das possibilidades da legislação brasileira, que ignora quase que completamente essa modalidade de ensino. Conversando com seu coordenador pedagógico pude constatar que o colégio consultou vários meios de informações sobre legislação e não encontrou nada mais do que isto. Também encontramos algumas tentativas de reconhecimento aos programas bilíngües para formarem parte da Educação formal, como vemos nesse excerto PARECER “N” Nº 01/2007, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Conselho Municipal de Educação:

O Conselho Municipal de Educação vem recebendo pedidos para autorizar o funcionamento de escolas bilíngües de Educação Infantil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei Federal 9394/1996 explicita, apenas, a oferta de educação escolar e intercultural bilíngüe aos povos indígenas. Decidiu, então, este Conselho formular consulta, em 2006, ao Conselho Nacional de Educação, que ainda não se pronunciou (SECRETARIA..., 2008).

Sobre a metodologia adotada no programa bilíngüe trata-se da interdisciplinaridade. Sem projetos interdisciplinares não há programa bilíngüe e sim como já vimos no capítulo um, apenas a Língua Estrangeira oferecida como disciplina separada. Não é o caso do Colégio Metodista Americano que mantém essa constante preocupação com os projetos e com o trabalho em conjunto com as professoras de língua materna. Como se trata de uma implantação de um programa bilíngüe a metodologia também tem variado desde que começou. Segundo as professoras da educação bilíngüe no início as atividades tinham a seguinte divisão: segunda-feira (livro de inglês do aluno), terça-feira (artes e jogos), quarta-feira (música e hora do conto), quinta-feira (atividades variadas e informática), sexta-feira (projeto do mês e revisão da semana), é importante salientar que até o momento (2008) o programa bilíngüe se estende do 1º ano a 3ª série, pois a escola também está implantando o Ensino Fundamental de 9 anos. Após muitos estudos o grupo de professores e a coordenação pedagógica do programa bilíngüe decidiram optar pela seguinte metodologia: partir dos interesses dos alunos e encadeamento com as professoras de língua materna. Entre as atividades de rotina que pude constatar na sala de aula estão os usos de uma rotina parecida com a da língua materna, atividades e jogos, usos de um *portfolio* de atividades dos alunos. Os alunos da 3ª série faziam recortes para uma atividade que ia para o *portfolio*, alguns sentados no chão, outros nas classes, bem à vontade, a professora dava as instruções todas em inglês e os alunos compreendiam perfeitamente sem perguntar ou apresentar alguma dúvida para realizar a atividade. Os alunos na maioria conversavam em inglês com a professora e um pouco entre si. As professoras do programa bilíngüe optaram para não inibir a praticar oral em inglês e nem mesmo em português caso o aluno tenha vontade em dado momento de se comunicar em sua língua materna.

Quanto à avaliação para o 1º ano é feita mediante parecer descritivo e objetivo. Os aspectos avaliados são: o uso do inglês na aula e as atividades do *portfolio*. A partir das demais séries que já estão no programa bilíngüe há um *report card* trimestralmente. É avaliado o uso da língua, a interação entre eles e a demonstração de interesse. Também os alunos contam com as tarefas para casa a partir da 2ª série. É nessa série que inicia a alfabetização na Língua Inglesa.

Sobre a gradativa implantação do currículo bilíngüe no Ensino Fundamental o colégio encontra-se diante de uma incógnita. Como continuar com o currículo bilíngüe após a 4ª série, quando não há mais somente uma professora titular de

língua materna, e sim vários professores de várias disciplinas obrigatórias ao currículo do Ensino Fundamental. Existem os desafios quanto à falta de professores de diversas áreas do conhecimento humano capacitados com o mínimo de fluência para ajudar a promover a interdisciplinaridade natural das disciplinas com a língua estrangeira. Como vimos no capítulo um, sobre o bilingüismo de imersão de grande êxito em (CENOZ; PERALES, 2000). O método em estudo pela coordenação do programa bilíngüe é manter um período de Língua Inglesa, que abordará gramática e uso, e um segundo período semanal que trabalhará projetos em Língua Inglesa. Assim sendo, continuará a oferecer a Língua Inglesa e a dar uma continuidade ao ensino desta, partindo dos conteúdos vistos até aqui, e aperfeiçoando as habilidades na língua estrangeira. Enquanto, o Ensino Fundamental comum apenas terá obrigação de começar a língua estrangeira a partir da 5ª série ou 6º ano. Com certeza 10 horas semanais de inglês são bastante para atingir um bom nível e um bom grau de proficiência, distante da realidade dos demais brasileiros que mal tem 2 h ou 1 h de Língua Inglesa por semana e a partir da 5ª série, quando os currículos de Ensino Fundamental são obrigados a oferecer uma língua estrangeira. Porém, cabe aqui, a discussão do que é dominar uma língua, ver questão um da entrevista com a professora do currículo bilíngüe, dominar com excelência é algo questionável, assim temos que remeter às variadas definições de o que é um falante bilíngüe. De longe, talvez ainda não seja o ideal de Educação Bilíngüe o currículo oferecido pelo Colégio Metodista Americano, mas sem dúvida é um grande diferencial, dadas as condições da Educação Brasileira. Como constatamos nesse excerto ainda do PARECER “N” Nº 01/2007, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Conselho Municipal de Educação.

Concluimos, então, que para uma escola ser bilíngüe não basta ministrar aulas de língua estrangeira, é muito mais. A escola deve ser o lugar onde se falam duas línguas, vivenciadas nas diferentes atividades escolares da Educação Infantil, ao nosso ver, de no mínimo duas horas diárias. Desta forma, a criança vai se apropriando do outro código e, futuramente, se expressará diretamente no idioma trabalhado, sem utilizar o mecanismo da tradução (SECRETARIA..., 2008).

5 CONCLUSÃO

Essa monografia serviu como apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso. Mais do que isto foi um momento de estudo e reflexões acerca do bilingüismo e questões concernentes a ele. O interesse pelo tema partiu de interesses pessoais, e experiências com o bilingüismo, na alfabetização em duas línguas, não por exigência do meio escolar, mas por necessidade para uso familiar e de um entorno bicultural. Também pelo fato de haverem poucos trabalhos nessa área na graduação.

A partir de tudo que foi pesquisado hoje posso constatar que não há um modelo ideal de educação bilíngüe. Assim como não há um bilingüismo perfeito, aliás, nem há um conceito definido do que é ser bilíngüe. Talvez a teoria de Bloomfield tenha sido precursora de muitos preconceitos lingüísticos e idealização do falante bilíngüe. Cada contexto bilíngüe é diferente, e assim requer um tipo de educação bilíngüe apropriado aos interesses da comunidade. Cabe ressaltar que foi constatado que a educação bilíngüe não é apenas oferecer a língua estrangeira como disciplina descontextualizada, mas se dá através de projetos interdisciplinares, do desencadeamento com os demais professores e disciplinas. É importante salientar que no currículo bilíngüe sejam oferecidas cada língua com um professor diferente, ou seja, um professor, uma língua, para que desse modo os educandos não percam o referencial. A alfabetização ocorre após a alfabetização da língua materna, o que torna o aluno mais confiante. Também é de grande relevância o fato de não sobrecarregar o aluno, mas estimular o interesse pela aprendizagem em uma língua estrangeira ou segunda língua, mantendo-a e desenvolvendo-a.

Como pesquisa de campo foi encontrado o Colégio Metodista Americano em Porto Alegre/RS, que é uma boa tentativa de propor um ensino bilíngüe. Oferece a língua estrangeira, porque não há um bilingüismo social que proponha uma segunda

língua, e sim um contexto sócio-cultural que opta por um ensino de língua estrangeira em uma língua dominante. Com poucos parâmetros o colégio alcança seus objetivos dentro do possível do 1º ano a 3ª série. Quanto às séries/anos finais, opino que aqui já não mais tratar-se-á de um ensino bilíngüe em efetivo funcionamento, mas seguramente esses alunos já obterão um bom nível de Língua Inglesa quando saírem das séries iniciais devido às 10 horas semanais, as quais somarão um input inatingível por qualquer outra modalidade ou variedade educacional. Nesse contexto, esse colégio é um dos poucos de Porto Alegre, onde não encontrei outro tipo de educação bilíngüe.

A legislação brasileira pouco menciona a necessidade da educação bilíngüe. O que é lamentável não somente porque ajudaria a proliferar escolas bilíngües de prestígio, mas a educação pública poderia planejá-la de acordo com a premissa se há ou não a necessidade de uma educação bilíngüe, que trataria das minorias lingüísticas. Promovendo dessa forma uma educação mais inclusiva.

Os estudos sobre o bilingüismo e a aplicabilidade da educação bilíngüe foram de grande valia para minha formação. Sociabilizar e divulgar mais a fundamentação teórica dos contextos bilíngües e das línguas em contato torna tanto a prática docente, quanto à formação pessoal mais humanizadora e tolerante em relação às diversidades culturais, às realidades sociolingüísticas, que podem inclusive adaptar-se também ao ensino da língua materna e suas variações e das línguas estrangeiras em relação à língua materna.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no sul do Brasil. In: **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, 2004. Disponível: < http://www.iberoamericana.net/files/ejemplo_por.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2008.
- APPEL, René, MUYSKEN, Pieter. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel Lingüística, 1996.
- AZEVEDO, Solange. Quem são os nossos novos imigrantes. **ÉPOCA**, n. 532, p. 64 – p. 67 jul. 2008.
- CARNEIRO, Moacir Alves. **LDB fácil**: leitura crítico-compreensiva artigo a artigo. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CAVALCANTI, Marilda C. Estudos sobre educação brasileira em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. **Delta**, 15, n. esp., 1999.
- CENOS, Jasone, PERALES, José. Las variables contextuales y el efecto de la instrucción en la adquisición de segundas lenguas. in: MUÑOZ, Carmen. **Segundas lenguas**: adquisición en el aula. Barcelona: Ariel Lingüística, 2000.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- DE HEREDIA, Christine. Do bilingüismo ao falar bilíngüe. In: VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane. **Multilingüismo**. Campinas: Unicamp, 1989.
- DE HOUWER, Annick. Aquisição bilíngüe da linguagem. In: FLETCHER, Paul; MACWHINNEY, Brian. **Compêndio da linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- _____. Two or More Languages in: Early Childhood. **Some general points and practical recommendations**. ERIC Digest. ERIC Clearinghouse on Languages and Linguistics, July, 1999. Disponível em: <<http://www.4bilinguismo.org>>. Acesso em: 28 set. 2008.
- DECROSSE, Anne. Um mito histórico, a língua materna. In: VERMES, Geneviève, BOUTET, Josiane. **Multilingüismo**. Campinas: Unicamp, 1989.
- HENDRIKS, Henriette, HISCKMANN, Maya. Referencia espacial y cohesión del discurso. In: BERCHE, Mercè Pujol et al. **Adquisición de lenguas extranjeras**: perspectivas actuales en Europa. Madrid: Edelsa, 1998.

LÍCERAS, Juana M.; DÍAZ, Lourdes. La teoría Chomskiana y la adquisición de la gramática no nativa: a la búsqueda de desencadenantes. in: MUÑOZ, Carmen. **Segundas lenguas**: adquisición en el aula. Barcelona: Ariel Lingüística, 2000.

MEDINA, Javier López. **Lenguas en contacto**. Madrid: Arco Libros, 1997. (Cuadernos de lengua española).

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, Conselho Municipal de Educação. **Parecer "N" Nº 01/2007**. Disponível em: <<http://www.ipol.org.br/>>. Acesso em: 15 nov. 2008.

STROUD, Christopher. **Towards a policy for bilingual education in developing countries**. Stockolm: SIDA, 2002.

VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane. **Multilingüismo**. Campinas: Unicamp, 1989.

VICENTE, Leonel. **O bilingüismo**: o caso do Canadá IV. Disponível em: <<http://memoriavirtual.wordpress.com/2005/03/31/bilinguismo-%E2%80%93-o-caso-do-canada-iv>>. Acesso em: 07 set. 2008.

WODE, Henning. Percepción, producción y aprendibilidad de lenguas. In: BERCHÉ, Mercè Pujol *et al.* **Adquisición de lenguas extranjeras**: perspectivas actuales en Europa. Madrid: Edelsa, 1998.

APÊNDICE A - ENTREVISTA A UM DOCENTE DE LÍNGUA ESTRANGEIRA EM UM CURRÍCULO BILÍNGÜE

1. Quando se diz que um falante é bilíngüe, na concepção da sua escola?

Entendemos que um falante é considerado bilíngüe quando ele/ela é capaz de usar com excelências quatro habilidades (ler, escrever, compreender e falar) para se comunicar na língua estrangeira.

2. O bilingüismo favorece ou prejudica a aprendizagem? Por quê?

Estudos atuais indicam muitas vantagens deste fenômeno para o aluno. Maior flexibilidade cognitiva, maior capacidade de raciocínio complexo, melhor consciência metalingüística, dentre outras.

3. Desde que série/ano se emprega o ensino de uma segunda língua?

Desde o denominado N2 na educação infantil (crianças ente 2 a 3 anos de idade).

4. Há alfabetização na segunda língua? Como é procedida? Quais as dificuldades?

Sim. Na nossa escola, a alfabetização na língua estrangeira é desenvolvida após os alunos terem sistematizado a leitura/escrita da língua materna, ou seja, por volta da 2ª série. É um processo natural que vem ao encontro ao interesse das próprias crianças que, após criarem confiança na alfabetização da língua portuguesa, despertam a curiosidade para as palavras no novo idioma.

5. Qual (is) o(s) referencial (is) teóricos usados nesse tipo de currículo que dá a segunda língua certa importância?

Baker (2006)

Hèlot, (2006)

6. Empregam-se ambas as línguas em todo o processo educativo (ensino fundamental, por exemplo) ou somente em determinadas etapas? Caso seja recente a implantação do currículo bilíngüe, em quais anos/séries ele já está em vigor e se está sendo planejado a ampliação serial do currículo bilíngüe?

A língua inglesa como currículo bilíngüe começa a ser desenvolvida a partir do 1º ano do ensino fundamental e está gradativamente sendo implantada em

todas as séries à medida que o programa avança. Estamos atualmente com turma bilíngües de 1º ano, 2ª e 3ª séries.

7. Há momentos em que são usadas ambas as línguas como meio de comunicação na sala de aula? Como são motivados os alunos para falarem na língua Estrangeira na sala de aula?

Priorizamos o uso do inglês na sala de aula. A língua portuguesa é utilizada somente quando necessário (manejos de turma mais específicos, por exemplo).

Os alunos são motivados por meio de atividades bastante diversificadas e apropriadas as suas faixas etárias.

8. Emprega-se a segunda língua em uma disciplina separada, ou empregam-se alternadamente ambas as línguas (materna e estrangeira) como meio de instrução para todas as disciplinas? Como é distribuída a carga horária de Língua Estrangeira e Língua Materna?

A língua estrangeira é utilizada como meio de instrução para as mesmas disciplinas que a professora utiliza na língua materna.

20h/a língua portuguesa

10h/a língua inglesa

9. A língua estrangeira é ministrada por outro docente que não é o mesmo da língua materna?

Sim.

10. Como é a interação entre os alunos dentro da sala de aula bilíngüe? Como é estimulada pelo docente?

Trabalhos de grupo/ pares e até mesmo entre turmas da mesma série. O estímulo é fomentado por meio da diversidade de atividades de caráter comunicativo.

11. São feitas brincadeiras em Língua Estrangeira como canções, jogos e dinâmicas de grupos?

Sim.

12. Como a escola procede quando há entrada de um aluno transferido de outra escola? Existe algum programa de adaptação?

O aluno passa a freqüentar o NAP (Núcleo de Apoio Pedagógico) para que desenvolva os conteúdos/habilidades trabalhados anteriormente pelo grupo.

13. Qual é o máximo de alunos por turma no currículo bilíngüe?

Não tenho essa informação.

14. Como é feita a avaliação? Quais habilidades entre elas, ler, escrever, falar e compreensão auditiva têm maior peso e é dada maior ênfase?

A avaliação é realizada levando em conta as quatro habilidades relacionadas à língua em si, acrescentando-se ainda as questões pertinentes à motivação e atitudes do aluno na sala de aula. Quanto à ênfase em cada uma das habilidades depende muito da série em pauta. Não é avaliada formalmente a escrita de uma série em que isso não é trabalhado sistematicamente, por exemplo.

15. Há boa procura de alunos inscritos para os programas bilíngües? Como é a aceitação da comunidade escolar?

Sim as turmas têm aumentado a cada ano.

16. Os professores participam de formações, cursos e/ou palestras sobre educação bilíngüe e o ensino de língua estrangeira?

Sim.

17. Os aspectos culturais que envolvem a segunda língua curricular são desenvolvidos em sala de aula? São feitos eventos culturais na escola para promovê-la?

Sim uma vez que isso é parte inerente do processo de aprender uma língua estrangeira.

18. A escola oferece o currículo bilíngüe como diferencial educativo, ou é uma necessidade imposta/sugerida pela comunidade escolar?

O currículo é oferecido como diferencial educativo.

19. Qual a disponibilidade de materiais pedagógicos para o ensino da Língua Estrangeira?

A escola disponibiliza diversos materiais (vídeos, jogos, livros) e cada professor também utiliza materiais próprios.

20. As atividades em sala de aula são feitas em grupo, duplas e ou individualmente, ou há momentos para cada modo adequado a tarefa?

A dinâmica de distribuição dos alunos depende muito do tipo de atividade planejada para cada aula.

21. Há um projeto interdisciplinar? A professora de Língua Estrangeira passa algum conteúdo de outras disciplinas em Língua Estrangeira?

Sim.

22. Os alunos utilizam a segunda Língua fora da escola? Há algum tipo de investigação se os pais também ajudam na manutenção desse aprendizado, como a maioria é estimulada pela família?

Não se tem conhecimento concreto a esse respeito, o que sabemos é por relatos de algumas famílias que incentivam a produção do idioma em jogos e músicas ou ainda atividades realizadas no computador.